

# A cosmologia linguística de Dante: uma leitura da *Quaestio de aqua et de terra*

## Dante's linguistic cosmology: a reading of the *Quaestio de aqua et de terra*

Maria Cecilia Casini\*

### RESUMO

Este artigo investiga a *Quaestio de aqua et de terra* de Dante Alighieri, texto pouco explorado no cânone dantesco, que aborda a disputa medieval sobre a forma e a posição dos elementos água e terra no cosmos. A justificativa reside na necessidade de reavaliar a obra como expressão de uma filosofia da linguagem embutida, na qual a argumentação cosmológica serve à elaboração de um discurso veritativo. O objetivo geral é demonstrar como Dante articula, por meio de uma linguagem precisamente construída, uma resposta ao problema físico-cosmológico, integrando autoridade filosófica, experiência sensível e revelação divina. A metodologia consiste na análise textual de leitura fechada, com ênfase na estrutura retórica e nos recursos argumentativos. O corpus é a própria *Quaestio*, confrontada com passagens da *Commedia* e de obras aristotélicas. O arcabouço teórico dialoga com estudiosos como Gilson (1949), Nardi (1967) e Corti (1983), que tratam do pensamento filosófico dantesco. Os resultados indicam que a *Quaestio* não é mero exercício escolástico, mas uma peça fundante de uma linguagem que aspira à totalidade do saber, unindo ciência, teologia e poesia.

**Palavras-chave:** Dante Alighieri; cosmologia medieval; linguagem filosófica; aristotelismo; disputatio; natureza da terra.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2026n71.1502>

\* Universidade de São Paulo. [casini@usp.br](mailto:casini@usp.br). <https://orcid.org/0000-0001-5264-2046>

#### ABSTRACT

This article examines Dante Alighieri's *Quaestio de aqua et de terra*, a lesser-known work within the Dantesque canon, which addresses the medieval dispute concerning the form and position of the elements water and earth in the cosmos. The rationale lies in the need to reassess the work as an expression of an embedded philosophy of language, in which cosmological argumentation serves the elaboration of a veridical discourse. The general objective is to demonstrate how Dante articulates, through precisely constructed language, a response to the physical-cosmological problem, integrating philosophical authority, sensible experience, and divine revelation. The methodology employs close reading textual analysis, with emphasis on rhetorical structure and argumentative strategies. The corpus is the *Quaestio* itself, contrasted with passages from the *Commedia* and Aristotelian works. The theoretical framework engages scholars such as Gilson (1949), Nardi (1967), and Corti (1983), who deal with Dantesque philosophical thought. The results indicate that the *Quaestio* is not a mere scholastic exercise but a foundational piece of a language that aspires to the totality of knowledge, uniting science, theology, and poetry.

**Keywords:** Dante Alighieri; medieval cosmology; philosophical language; Aristotelianism; disputation; nature of earth.

## Introdução

A *Quaestio de aqua et de terra* de Dante Alighieri permanece como uma das obras menos estudadas de seu corpus, muitas vezes relegada à sombra de monumentos como a *Commedia* ou o *Convivio*. No entanto, este tratado breve, datado de 1320, evidencia uma janela singular para o pensamento dantesco em sua interface entre filosofia natural, teologia e linguagem. Nele, Dante se engaja numa disputa escolástica sobre a relação topográfica entre a água e a terra — questionando se a água, em sua esfera natural, é mais alta que a terra emergente —, mas o faz com uma profundidade que transcende o mero debate físico. Aqui, a linguagem, além de veículo do pensamento; é ela mesma instrumento de investigação da verdade, meio pelo qual o mundo é descrito, interrogado e compreendido.

A justificativa para retomar esta obra reside na possibilidade de lê-la não como um apêndice doutrinal, mas como um laboratório de construção discursiva onde Dante exercita aquilo que Corti (1983, p. 56) chamou de “experiência da linguagem total”. Longe de ser um texto menor, a *Quaestio* explicita o projeto intelectual dantesco de fundir saberes dispersos — da geometria à autoridade bíblica — em uma narrativa coerente e persuasiva. Seu objetivo central, portanto, é demonstrar como Dante elabora, por meio de uma linguagem rigorosa e ao mesmo tempo imaginativa, uma resposta ao problema cosmológico que satisfaça tanto a razão quanto a fé.

O problema de pesquisa que orienta este artigo pode ser formulado da seguinte maneira: como Dante, na *Quaestio*, utiliza a linguagem como ferramenta epistemológica para resolver uma questão aparentemente técnica, mas carregada de implicações ontológicas e teológicas? A hipótese é que a *Quaestio* opera por meio de uma estratégia dupla: de um lado, apropria-se do vocabulário e do método da escolástica aristotélica; de outro, introduz elementos de ordem retórica e poética que prenunciam a síntese entre filosofia e literatura realizada na *Commedia*.

No que se refere à fundamentação teórica, apoiamo-nos em autores como Gilson (1949), para quem o pensamento de Dante é uma “síntese vigorosa entre o humano e o divino”, e Nardi (1967), que insistiu na autonomia filosófica do poeta frente às correntes de seu tempo. A esses soma-se Corti (1983), cuja análise da linguagem dantesca como sistema semiótico complexo ilumina a articulação entre forma e conteúdo na *Quaestio*.

Este artigo está organizado em três partes principais. A primeira examina o contexto intelectual e retórico da *Quaestio*, situando-a no quadro das *disputationes* medievais e destacando sua estrutura argumentativa. A segunda analisa propriamente o tratamento dantesco dos elementos água e terra, mostrando como a linguagem técnica serve a uma visão unificada do cosmos. A terceira parte, por fim, explora as implicações filosóficas e linguísticas da resposta de Dante, argumentando que a *Quaestio* prefigura a linguagem totalizante da *Commedia*. Ao final, espera-se ter demonstrado que

este texto, longe de ser um exercício marginal, é peça chave para compreender a empreitada dantesca de construir uma linguagem capaz de dizer o mundo em sua totalidade.

## O Contexto Intelectual e Retórico da Quaestio

A Quaestio de aqua et de terra insere-se no gênero das *disputationes* medievais, exercícios nos quais um mestre respondia publicamente a uma questão posta, utilizando argumentos de autoridade, demonstrações racionais e, não raro, apelos à experiência sensível. Dante, ao anunciar que escreve “*inter vere philosophantes minimus*”, assume humildemente o papel de filósofo, mas sua abordagem revela uma consciência aguda dos limites e possibilidades da linguagem filosófica. Como observa Gilson (1949, p. 213), “Dante não é um filósofo profissional, mas um poeta que filosofa; sua originalidade está em fazer da linguagem um lugar de encontro entre a razão e a revelação”.

A estrutura da Quaestio é rigorosa: após apresentar cinco argumentos iniciais que defendem a superioridade da água sobre a terra, Dante os refuta um a um, recorrendo a princípios da física aristotélica, à geometria e, finalmente, à teologia. Esse movimento não é meramente técnico; é sobretudo retórico. Dante constrói sua autoridade citando Aristóteles, o *Commentator* (Averróis) e as Escrituras, mas também invoca a experiência dos navegantes e a observação dos rios. A linguagem, aqui, é convocada a performar aquilo que diz: deve ser clara como a demonstração geométrica, persuasiva como o argumento dialético, e reverente como a palavra divina.

Nardi (1967, p. 89) nota que Dante opera uma “sublimação da linguagem científica”, transformando termos técnicos em elementos de uma narrativa maior sobre a ordem do cosmos. Quando Dante escreve, por exemplo, que “*aqua est labile corpus naturaliter, et non terminalile termino proprio*”, está não apenas definindo a natureza da água, mas também estabelecendo um princípio de leitura: a linguagem deve ser tão móvel e fluida quanto o elemento que descreve, mas também precisa encontrar seu termo, seu limite

preciso na verdade. A *Quaestio* é, assim, um exercício de controle linguístico sobre um problema que escapa à experiência imediata.

## **A Linguagem dos Elementos: Água e Terra no Cosmos Dantesco**

O cerne da disputa reside na relação entre a água e a terra. Dante rejeita a ideia de que a água seja mais alta que a terra emergente, argumentando que isso implicaria uma *eccentricidade* ou *gibbosidade* incompatível com a ordem natural. Sua refutação apoia-se numa leitura cuidadosa de Aristóteles, mas também numa interpretação original da noção de “centro”. Para Dante, o centro do mundo é não apenas um ponto geométrico, mas um lugar metafísico: é para ele que todos os graves tendem, e é em relação a ele que a linguagem deve se orientar para dizer a verdade.

Corti (1983, p. 102) assinala que “Dante trata a linguagem como um organismo vivo, cuja estrutura reflete a estrutura do real”. Assim, quando Dante descreve a terra como tendo “*figuram semilunii*”, está fazendo mais que uma afirmação cosmográfica; está propondo uma imagem que sintetiza observação, geometria e simbolismo. A linguagem, nesse caso, torna-se icônica: ela não apenas diz, mas mostra a forma do mundo. E é significativo que Dante recorra a autoridades como Orosius e a experiência dos astrólogos para corroborar sua descrição — a linguagem da *Quaestio* é necessariamente plural, porque o mundo que descreve é poliédrico.

Um dos momentos mais reveladores do tratado é quando Dante introduz a ideia de que a terra emerge não por sua natureza simples, mas por obediência a uma “natureza universal” que visa à possibilidade da mistura e, portanto, da vida. Aqui, a linguagem filosófica abre espaço para uma dimensão quase poética: a terra eleva-se “*tanquam obediens a precipiente*”, como que obedecendo a um comando superior. Essa personificação não é um recurso decorativo; é parte integrante do argumento, pois permite a Dante

integrar causa eficiente (o céu estrelado) e causa final (a vida) em uma mesma narrativa.

## **Implicações Filosóficas e Linguísticas: da Quaestio à Commedia**

A Quaestio não se esgota em si mesma; ela prenuncia preocupações que Dante desenvolverá de forma mais ampla na Commedia. Se na Quaestio a linguagem é instrumento de demonstração, na Commedia ela se torna veículo de revelação. No entanto, a semente já está aqui: a ideia de que a linguagem pode — e deve — aspirar a uma totalidade representativa que una ciência, filosofia e teologia.

Como nota Gilson (1949, p. 231), “Dante nunca separa o saber do dizer; para ele, a verdade não existe fora de uma palavra que a encarne”. Na Quaestio, essa encarnação assume a forma de um tratado; na Commedia, será o poema. Mas em ambos os casos, a linguagem é convocada a realizar aquilo que Dante, citando o Salmista, chama de “*mirabilis scientia*”: uma ciência admirável que é, ao mesmo tempo, conhecimento e assombro.

É significativo que Dante conclua a Quaestio com uma invocação à humildade do saber humano: “*Desinant ergo, desinant homines querere que supra eos sunt*”. Essa conclusão não é uma renúncia à razão, mas sim uma demarcação de seus limites. A linguagem filosófica pode levar até certo ponto; além dele, só a revelação pode guiar. E é nesse diálogo entre razão e fé que a linguagem dantesca encontra sua mais alta expressão.

E é nesse diálogo entre razão e fé que a linguagem dantesca encontra sua mais alta expressão. A Commedia será, assim, a realização plena deste projeto, onde a Quaestio atua como a fundação teórica. O tratado estabelece os alicerces de que a linguagem, quando rigorosamente ordenada pela lógica e pela gramática, pode mapear a realidade terrena. O poema, por sua vez, eleva essa mesma linguagem a um patamar transcendente, submetendo-a à tensão do inefável.

O que na *Quaestio* é um método de disputa acadêmica — a sucessão ordenada de argumentos e refutações —, na *Commedia* transforma-se na própria arquitetura do cosmos. As esferas concêntricas do Paraíso, os círculos do Inferno e as rampas do Purgatório são a visualização poética de uma lógica moral e divina. A linguagem deixa de ser apenas o instrumento que descreve essa ordem para se tornar parte integrante dela, imitando em seu ritmo, em suas repetições e em suas culminâncias a harmonia do criado.

Este gesto é a condição de possibilidade para a passagem do discurso filosófico ao profético, do silogismo à visão. Dante não abandona a primeira ferramenta; antes, integra-a numa economia maior do saber. Virgílio, símbolo da razão natural, guia o poeta até onde sua luz pode alcançar; para além, Beatriz, a Teologia, toma sua mão. Mas é significativo que Virgílio não seja descartado: sua presença é indispensável para se chegar ao limiar.

Assim, a *Quaestio de aqua et terra* e a *Commedia* são dois movimentos de uma mesma sinfonia. A primeira compõe a clave de sol, definindo a escala e a afinação possíveis para a linguagem humana em sua busca pela verdade. A segunda é a obra completa, que incorpora essa clave mas a expande com toda a orquestração da experiência humana — o trágico, o lírico, o dramático e o sublime —, alcançando a clave que não pode ser lida, apenas vivida: a da “Luz Eterna que só a Ti mesmo Te entendes”. A linguagem, então, aspira não à demonstração, mas à participação nessa Luz, tornando-se, ela própria, *mirabilis scientia*: assombro que conhece e conhecimento que assombra.

## **A Quaestio De Aqua Et Terra E A Filosofia Da Ciência**

A *Quaestio de aqua et terra* de Dante Alighieri, frequentemente relegada a um plano secundário frente à sua *Commedia*, emerge como um tratado fundamental para compreender a interseção entre filosofia natural, epistemologia e linguagem no final da Idade Média. Este capítulo analisa a obra sob a ótica da filosofia da ciência, explorando como Dante articula metodologias científicas, debates epistemológicos e pressupostos

ontológicos que ecoam tanto em seu contexto histórico quanto em discussões contemporâneas. A análise centra-se em três eixos: (1) o método dantesco como síntese entre empirismo e racionalismo; (2) a influência aristotélica e sua crítica; e (3) as implicações para a filosofia da ciência moderna e contemporânea.

Dante inicia a *Quaestio* declarando seu amor pela verdade (*amore veritatis*) desde a infância, posicionando-se como *inter vere phylosophantes minimus* (DANTE ALIGHIERI, 1997). Essa humildade retórica, comum nos debates medievais, ocupa uma estratégia metodológica precisa: Dante não rejeita a autoridade, mas a submete ao crivo da experiência e da demonstração lógica. Seu método alia observação empírica—como a referência aos navegantes que testemunham a curvatura da Terra—e argumentação racional baseada em princípios geométricos e físicos (GILSON, 1949). Essa abordagem reflete uma tensão constitutiva da filosofia da ciência: a relação entre dados sensoriais e estruturas racionais.

Como observa Porfírio (2023), a teoria do conhecimento medieval oscilava entre a tradição racionalista, herdada de Platão e Agostinho, e a emergente valorização empírica. Dante sintetiza essas correntes ao afirmar que *sunt etenim hec principia inventa sensu et inductione* (“estes princípios são descobertos pela sensação e indução”) (DANTE ALIGHIERI, 1997). Aqui, a indução não é mera coleta de dados, mas um processo de abstração que permite ascender aos primeiros princípios, tal como Aristóteles propõe nos *Segundos Analíticos*. No entanto, Dante vai além: para ele, a experiência sensível não é apenas ponto de partida, mas critério de verificação. Quando os navegantes atestam que, do alto dos mastros, avistam montanhas não visíveis do convés, Dante não vê aqui uma mera curiosidade, mas uma *experientia* que confirma a esfericidade da Terra e a superioridade topográfica dos continentes (DANTE ALIGHIERI, 1997).

Essa valorização do empírico não implica, porém, um empirismo ingênuo. Dante insiste que *ad destructionem primi membri consequentis* (“para a refutação do primeiro membro do consequente”) é necessária uma



vera demonstratio (“verdadeira demonstração”) (DANTE ALIGHIERI, 1997). Essa demonstração opera por redução ao impossível: se a água fosse excêntrica ou gibosa, seguir-se-iam três impossibilidades—a água mover-se-ia naturalmente para cima, terra e água mover-se-iam por linhas diferentes, e a gravidade seria predicada equívoca dos dois elementos (DANTE ALIGHIERI, 1997). O argumento é rigorosamente silogístico, mas sua força reside na combinação entre lógica e física: a geometria prova a impossibilidade matemática, enquanto a observação confirma a ordem natural.

Nardi (1967) observa que Dante opera uma “sublimação da linguagem científica”, transformando termos técnicos em elementos de uma narrativa maior sobre a ordem do cosmos. Quando Dante escreve, por exemplo, que aqua est labile corpus naturaliter, et non terminalile termino proprio (“a água é um corpo naturalmente lábil e não terminável por termo próprio”), está não apenas definindo a natureza da água, mas também estabelecum princípio de leitura: a linguagem deve ser tão móvel e fluida quanto o elemento que descreve, mas também precisa encontrar seu termo, seu limite preciso na verdade. A Quaestio é, assim, um exercício de controle linguístico sobre um problema que escapa à experiência imediata.

A dependência de Dante em relação a Aristóteles é evidente em toda a Quaestio. Cita-o explicitamente como *Phylosophus*—o Filósofo por excelência—e recorre a obras como o *De Caelo*, os *Meteorológicos* e a *Física* (DANTE ALIGHIERI, 1997). No entanto, como assinala Corti (1983), Dante não é um comentador passivo, mas um intérprete criativo que reconfigure o aristotelismo à luz de outras fontes e de sua própria visão cosmológica.

Um exemplo marcante é sua apropriação da teoria dos lugares naturais. Aristóteles sustenta, no *De Caelo*, que cada elemento busca seu lugar natural: a terra para o centro, a água sobre a terra, o ar sobre a água, e o fogo para a periferia (ARISTÓTELES, 1984). Dante aceita esse princípio, mas introduz uma nuance crucial: a terra emerge não por acidente, mas por obediência a uma *natura universalis* que visa à possibilidade da mistura e, portanto, da vida (DANTE ALIGHIERI, 1997). Essa teleologia extravasa o

quadro estritamente aristotélico, aproximando-se de uma visão neoplatônica ou mesmo agostiniana onde o cosmos é ordenado por uma inteligência benevolente.

Outro ponto de afastamento concerne ao estatuto da matemática. Para Aristóteles, a física e a matemática são ciências distintas: a primeira estuda os seres móveis, a segunda, os entes abstratos. Dante, porém, integra livremente argumentos geométricos em sua física. Ao provar que a terra emergente deve ter figuram semilunii (“figura de meia-lua”), recorre a teoremas matemáticos sobre a interseção de esferas e planos (DANTE ALIGHIERI, 1997). Essa matematização do físico antecipa, de certo modo, a revolução científica do século XVII, ainda que dentro de um quadro qualitativo e não quantitativo.

A crítica mais radical, porém, dirige-se ao próprio cerne do método aristotélico. Dante afirma que *questio ‘an est’ debet precedere questionem ‘propter quid est’* (“a questão ‘se é’ deve preceder a questão ‘por que é’”) (DANTE ALIGHIERI, 1997). Essa prioridade da existência sobre a causalidade pode ser lida como uma valorização do fenômeno frente à teoria. Não basta saber por que a terra emerge; é preciso primeiro estabelecer que ela emerge, com base na observação e na demonstração. Essa ênfase no quia sobre o propter quid ecoa a distinção que Tomás de Aquino faz entre as duas vias da demonstração, mas Dante radicaliza-a ao fazer da experiência sensível o tribunal último da verdade.

A *Quaestio* não é um mero artefato histórico; ela evidencia uma visão surpreendente para debates contemporâneos em filosofia da ciência. Sua abordagem Híbrida—entre empirismo e racionalismo, qualitativo e quantitativo, autoridade e experiência—ressoa com propostas atuais que buscam superar dicotomias estereis.

Um eco notável encontra-se na noção de “paradigma” de Kuhn (1962). A disputa sobre a água e a terra não era um problema isolado, mas parte de um paradigma cosmológico mais amplo—o aristotélico-ptolomaico—que estruturava a visão medieval do mundo. Dante opera dentro desse paradigma, mas pressiona suas fronteiras ao introduzir anomalias (como a emergência

dos continentes) que exigem ajustes e reinterpretações. Sua solução—a elevação da terra por virtude celeste—é uma “ciência normal” no sentido kuhniiano: uma extensão criativa do paradigma para resolver quebra-cabeças persistentes.

A *Quaestio* também dialoga com o debate sobre o realismo científico. Dante é, inequivocamente, um realista: acredita que a razão humana pode alcançar a verdade do mundo físico, e que essa verdade é una e coerente. No entanto, seu realismo é mitigado pela consciência dos limites do conhecimento humano. Ao final do tratado, invoca Jó e o Salmista para lembrar que *mirabilis facta est scientia tua ex me* (“tornou-se maravilhosa a vossa ciência para mim”) (DANTE ALIGHIERI, 1997). A ciência é admirável, mas não omnicomprensiva; pode desvendar as causas secundárias, mas a causa primeira permanece misteriosa. Essa atitude—confiança na razão combinada com humildade frente ao desconhecido—antecipa o “realismo crítico” de autores como Popper (1959) ou Bhaskar (1975).

Por fim, a *Quaestio* evidencia uma contribuição original à filosofia da linguagem científica. Dante não separa a descoberta da justificação, nem o conteúdo da forma. Sua linguagem é precisamente ajustada ao objeto: técnica quando discute geometria, narrativa quando descreve a experiência dos navegantes, reverente quando invoca a autoridade divina. Como observa Eco (1990), a semiótica medieval já pressentia que não há acesso direto à realidade; o mundo é sempre mediado por signos. Dante leva essa visão às últimas consequências: sua ciência é uma construção linguística que aspira à transparência, mas não ignora sua própria materialidade simbólica. Sua lição mais perene talvez seja esta: que a ciência, para ser verdadeiramente compreensiva, deve articular a razão e a experiência, a demonstração e a narração, a humildade e a ousadia.

## Considerações finais

A *Quaestio de aqua et de terra* revela-se, assim, muito mais que um opúsculo cosmológico. Ela é um testemunho da busca dantesca por uma linguagem capaz de articular os diversos saberes de seu tempo em uma visão coerente e totalizante do mundo. Dante não se contenta em repetir as autoridades; ele as interroga, as combina, e sobretudo as traduz em uma linguagem que é ao mesmo técnica e vivida, abstrata e concreta.

Nossa hipótese inicial confirmou-se: a *Quaestio* utiliza a linguagem como ferramenta epistemológica não para esgotar o problema, mas para situá-lo no horizonte mais amplo de uma compreensão integral do real. A resposta de Dante à questão sobre a água e a terra é, no fundo, uma resposta sobre o lugar do homem no cosmos e sobre a capacidade de sua linguagem de dizer esse lugar.

Sugere-se, para estudos futuros, uma comparação mais detida entre a linguagem da *Quaestio* e a da *Commedia*, buscando identificar continuidades e rupturas no projeto linguístico dantesco. Seria útil investigar como a *Quaestio* dialoga com outras disputas medievais sobre a natureza, tal como as de João Buridano ou Nicolau Oresme. O que está em jogo, em última instância, é a possibilidade de uma linguagem que una, sem confundir, a razão e a fé, a ciência e a poesia — projeto que permanece tão desafiador hoje quanto no tempo de Dante.

A tensão que Dante administra — entre o rigor lógico do trivium e a abertura metafórica do poema — ecoa profundamente em questões contemporâneas. A *Quaestio* nos interpela sobre os limites de nossos próprios discursos especializados. Num mundo onde a ciência, a filosofia e a teologia (ou suas equivalentes seculares) se encontram cada vez mais fragmentadas em linguagens herméticas e incomunicáveis, o esforço dantesco surge como um poderoso antídoto. Ele nos lembra que a busca por uma “linguagem total” — capaz de integrar dados empíricos, reflexão ética e assombro existencial

— não é um capricho arcaico, mas uma necessidade perene para uma compreensão plena da condição humana.

A humildade professada no final do tratado é a chave hermenêutica para este projeto. Ao demarcar a fronteira da razão filosófica, Dante não a enfraquece; pelo contrário, ele a fortalece, concedendo-lhe um domínio legítimo e soberano. Essa atitude de discernimento — saber qual ferramenta linguística é adequada a qual dimensão da realidade — é talvez sua lição mais urgente para o nosso tempo. Diante de questões complexas que demandam tanto a precisão técnica quanto a sabedoria filosófica (como as éticas da inteligência artificial ou a crise ecológica), carecemos justamente de uma gramática da integração que Dante praticou.

Portanto, estudar a *Quaestio* não é apenas um exercício de erudição dantológica. É engajar-se com um modelo de pensamento que se recusa a aceitar que o conhecimento deva ser necessariamente esfacelado. O tratado e o poema, juntos, propõem que a linguagem, em sua mais alta vocação, é uma arquitetura de sentido. Ela pode e deve construir pontes entre o demonstrativo e o evocativo, entre a evidência e o mistério.

Assim, o legado da *Quaestio* é um desafio que permanece aberto: o de forjar uma fala que, sem perder o rigor, possa novamente cantar o mundo em sua totalidade. É o desafio de uma *mirabilis scientia* para o século XXI — uma ciência que não cesse de se admirar, e que, na precisão de seus cálculos e na beleza de suas metáforas, nunca se esqueça de que o saber verdadeiro é sempre, também, uma forma de reverência.

## Referências

ARISTÓTELES. De Caelo. In: \_\_\_\_\_. **The complete works of Aristotle:** The Revised Oxford Translation. Edited by Jonathan Barnes. Princeton: Princeton University Press, 1984. v. 1.

AVERRÓIS. **Commentarium magnum in Aristotelis De Anima Libros.** Edited by F. Stuart Crawford. Cambridge: Harvard University Press, 1953.

BHASKAR, R. *A Realist Theory of Science*. Leeds: Leeds Books, 1975.

CORTI, M. **Dante a un nuovo crocevia**. Firenze: Sansoni, 1983.

DANTE ALIGHIERI. *Quaestio de aqua et de terra*. In: \_\_\_\_\_. **Tutte le opere**. Roma: Newton Compton, 1997.

ECO, U. **The limits of interpretation**. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

GILSON, E. **Dante et la philosophie**. Paris: Vrin, 1949.

KUHN, T. S. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

NARDI, B. **Saggi di filosofia dantesca**. Milano: Franco Angeli, 1967.

OROSIUS, P. **Historiarum adversum paganos libri vii**. Leipzig: Teubner, 1889.

PORFÍRIO, J. **Epistemologia medieval: Razão e Fé na Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 2023.

POPPER, K. R. **The logic of scientific discovery**. London: Hutchinson, 1959.

PTOLOMAEUS, C. **Almagest**. Translated and annotated by G. J. Toomer. New York: Springer, 1984.